



FAEB

Federação de Arte
Educadores do Brasil

29º Congresso Nacional da Federação
de Arte/Educadores do Brasil
7º Congresso Internacional de
Arte/Educadores

“Nortes da Resistência: Lugares e
contextos da Arte-educação no Brasil”
13 a 17 de novembro de 2019
Manaus-AM

Anais

ISSN: 2525-880X



www.faeb.com.br





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Amazonas - UFAM

C749a Congresso Nacional da Federação de Arte/ Educadores do Brasil (29. : 2019 :
Manaus, AM)

Anais [recurso eletrônico]: 29º Congresso Nacional da Federação de Arte/
Educadores do Brasil [e] 7º Congresso Internacional de Arte/ Educadores:
nortes da resistência: lugares e contextos da arte educação no Brasil / 29º
Congresso Nacional da Federação de Arte/ Educadores do Brasil / comissão
organizadora: Fernando Bueno Catelan, Valter Frank de Mesquita Lopes. –
Manaus: Federação de Arte/Educadores do Brasil, 2019.
2422 p. : il. color.

Modo de acesso: <https://www.faeb.com.br/anais-confaebs/>
ISSN: 2525-880X

1. Arte – Educação e ensino. 2. Arte - Formação de professor. 3. Arte -
Políticas educacionais I. Congresso Internacional da Federação de Arte/
Educadores (7. : 2019 : Manaus, AM). II. Título. III. Série.

Ficha Catalográfica elaborada por Rita Cintia Pinto Vieira - CRB 11/718



EQUIPE TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO GERAL

FAEB (gestão 2019-2020)

Roberta Puccetti – Presidente
Daniel Bruno Momoli – Vice-Presidente
Eliane Aparecida Andreoli – Dir. Financeira
Juliano Casimiro Sampaio – Dir. Relações Institucionais
Rosa Amélia Barbosa – Dir. de Articulação Política
Sidiney Peterson F. de Lima – Dir. de Rel. Internacionais
Fernando Bueno Catelan – Conselho Fiscal

Universidade Federal do Amazonas

Rosemara Staub Barros
Valter Frank de Mesquita Lopes

Universidade do Estado do Amazonas

Eneila Almeida

COMISSÃO ORGANIZADORA

Annie Martins Afonso (UEA)
Caroene Neves Silva (UFAM)
Cláudia Carnevskis de Mello (UFAM)
Daniel Bruno Momoli (Artevera/Flume)
Edna Andrade (UFAM)
Eliane Aparecida Andreoli (Faculdade Anhanguera
Taboão da Serra/SP)
Elias Souza Farias (UFAM)
Eneila Almeida dos Santos (UEA)
Evandro de Moraes Ramos (UFAM)
Fabio da Silva Moura (UEA)
Fernando Antônio da Silva Junior (UFAM)
Fernando Bueno Catelan (PMSBC)
Francenilza Vianna (SEDUC/UEA)
Francine Rebelo (UFAM)
Geane Vasconcelos de Souza (UEA)
Hermes Coelho (UFAM)
Jhon Weiner de Castro (UEA)
João Gustavo Kienen (UFAM)
José Lopes Rebelo Jr. (SEDUC/SEMED)
José Mário Silva de Oliveira (UFAM)
Juliano Casimiro de Camargo Sampaio (UFT)
Kelly Vanessa Nunes (UEA)
Lucyanne de Melo Afonso (UFAM)
Márcio Aguiar (UFAM)
Marco Antônio Valente (UFAM)
Maria Grigorova (UFAM)
Neiva Silva Souza (UFAM)
Neuton Gomes (UFAM)
Núbia Najjar Dias (UFAM)
Olvídia Dias de Souza Cruz Sobrinha (SEMED)
Orlane Pereira Freires (UFAM)
Pedro Bacellar (UFAM)

Pollyanna D'Ávila Gonçalves Dias (SEMED)
Priscila de Oliveira Pinto Maisel (UFAM)
Raquel Maia Matos (SEMED)
Roberta Paredes Valin (UFAM)
Roberta Puccetti (UEL)
Rosa Amélia Barbosa (IFSP)
Rosemara Staub de Barros (UFAM)
Sandrine da Silva Praia (UFAM)
Sérgio Anders (UFAM)
Sidiney Peterson Ferreira de Lima (UNESP)
Talita Menezes de Souza (UEA)
Valter Frank de Mesquita Lopes (UFAM)
Viviane Palandi (UEA)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Coordenação Geral

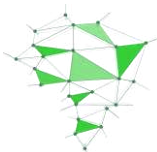
Me. Fernando Bueno Catelan (PMSBC)
Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes (UFAM)

Coordenadores de Área

Dr. Elias Souza Farias (UFAM) – Música
Me. Fábio Wosniak (IFC) – Artes Visuais
Ma. Raíssa Caroline Brito Costa (UEA) – Dança
Dra. Rosemara Staub Barros (UFAM) – Fronteiras
Dra. Vanja Poty Sandes Gomes Menezes (UEA) – Teatro

Pareceristas

Dra. Ana Luiza Ruschel Nunes (UEPG)
Dra. Ana Mae Barbosa (Universidade Anhembí
Morumbi)
Dra. Ana Paula Abrahamian de Souza (UFPE)
Ma. Annie Martins Afonso (UEA)
Ma. Antonia Camila Alves Moreira (UFG)
Dr. Arão Nogueira Paranaguá de Santana (UFMA)
Me. Breno Filo Creão de Sousa Garcia (UFPE)
Me. Bruno Marcelo Costa (UFPA)
Dra. Cândida Alayde Carvalho (UEL)
Dra. Carmen Lucia Capra (UERGS)
Dra. Cláudia Carnevskis (UFAM)
Dr. Daniel Bruno Momoli (Artevera/Flume)
Dra. Dora Águila Sepúlveda (Chile/UCC)
Ma. Edna Andrade Soares (UFAM)
Dra. Eliane Aparecida Andreoli (Faculdade Anhanguera
Taboão da Serra/SP)
Dra. Eliane Patricia Grandini Serrano (FAAC)
Dra. Eliany Salvatierra Machado (UFF)
Dr. Elias Souza Farias (UFAM)
Ma. Eloiza Mara de Paula Rossoni (Secretaria de
Educação/ES)
Me. Emerson de Paula Silva (UNIFAP)
Dra. Eneila Almeida dos Santos (UEA)



Dr. Evandro de Moraes Ramos (UFAM)
Dra. Fabiana Souto Lima Vidal (UFPE)
Dra. Fabiane Pianowski (FURG)
Me. Fábio Wosniak (IFC)
Ma. Fátima da Rocha Souza (UEA)
Me. Fernando Bueno Catelan (PMSBC)
Dra. Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelo (UFG)
Dra. Flávia Pedrosa Vasconcelos (UNIVASF)
Dr. Francisco Carneiro da Silva Filho (UFAM)
Ma. Gabriela Clemente de Oliveira (UEMG)
Ma. Gislaíne Regina Pozzetti (UFAM)
Dra. Hanna Talita Gonçalves Pereira de Araujo (UFAC)
Me. Helder Fabricio Ribeiro (UNAMA)
Dr. Hermes Coelho Gomes (UFAM)
Ma. Isabel Almeida Carneiro (UFRJ)
Dra. Isabela do Nascimento Frade (UERJ)
Dr. Jackson Colares da Silva (UFAM)
Ma. Janice Shirley Souza Lima (UFPA)
Dr. João Gustavo Kienen (UFAM)
Dra. Jocielle Lampert (USP)
Dr. José Afonso Medeiros Souza (UFPA)
Dr. José Carlos de Paiva (Portugal/ i2ADS/FBAUP)
Dra. Julia Rocha Pinto (U.PORTO)
Dra. Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama (UNESP)
Ma. Larissa Silva Douetts (UFRJ)
Ma. Laura Paola Ferreira (UFMG)
Dra. Leda Maria de Barros Guimarães (UFG)
Dr. Leonel Martins Carneiro (UFAC)
Ma. Lilian Zanvettor Ferreira (UNICAMP)
Me. Lucas de Carvalho Larcher Pinto (UFU)
Dra. Lúcia Gouvea Pimentel (UFMG)
Ma. Luciana Finco Mendonça (UDESC)
Dra. Lucyanne de Melo Afonso (UFAM)
Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves (UEA)
Me. Luiz Espíndola de Carvalho Júnior (UFG)
Dra. Luzirene do Rego Leite (UNB)
Dra. Mara Rubia Sant'Anna (UDESC)
Ma. Márcia Moreno (UNOCHAPECÓ)
Ma. Marcia Ruiz Schiavo (UFRJ)
Dra. Maria das Vitórias Negreiros do Amaral (UFPE)
Ma. Maria Filippa Costa Jorge (Universidade Presbiteriana Mackenzie)
Ma. Marina Alves Mota (UFPA)
Dra. Marinês Viana de Souza (UFAM)
Ma. Marta Lucia Cargnin Facco (UDESC)
Me. Mary Andrea Xavier Lages (UFAM)
Dra. Michele Aracaty Silva (UNISC)
Dra. Milton Sogabe (Universidade Anhembí Morumbi)
Dra. Miriam Celeste Ferreira Dias Martins (UPM)
Dra. Moema Lúcia Martins Rebouças (U.PORTO)

Dra. Olga Lucia Olaya Parra (Colômbia/UPN)
Dr. Otoni Moreira de Mesquita (UFAM)
Dr. Radamés Alves Rocha da Silva (USP)
Ma. Raíssa Caroline Brito Costa (UEA)
Dra. Rejane Galvão Coutinho (UNESP)
Dra. Rita Demarchi (IFSP)
Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli (UNESP)
Ma. Roberta Paredes Valin (UFAM)
Dra. Roberta Puccetti (UEL)
Ma. Rosa Amélia Barbosa (IFSP)
Dra. Rosana Lobo Rosário (UFPA)
Dra. Rosejane da Mota Farias (UFAM)
Dra. Rosemara Staub Barros (UFAM)
Ma. Roxana Villarino (Argentina/IMEPA)
Me. Sidiney Peterson Ferreira de Lima (UNESP)
Ma. Tharciana Goulart (UDESC)
Me. Valdemir de Oliveira (UFMS)
Dr. Valter Frank de Mesquita Lopes (UFAM)
Dra. Vanja Poty Sandes Gomes Menezes (UEA)
Me. Walter Rodrigues Marques (UFMA)

INSTITUIÇÕES FINANCIADORAS/APOIADORAS



FAARTES
Faculdade de Artes



ESAT
Escola Superior de
Artes e Turismo



SUMÁRIO

SUMÁRIO	6
APRESENTAÇÃO.....	15
PROGRAMAÇÃO.....	18
APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS.....	21
MESAS-REDONDAS	22
Pedagogias do sul; pedagogias da imagem	22
LA COMUNALIDAD CREATIVA UNA PEDAGOGÍA DE LA IMAGEN	23
Formação nas Licenciaturas em Artes	44
FORMAÇÃO NAS LICENCIATURAS EM ARTES: POLÍTICAS COMO PROJETOS DE DOMINAÇÃO	45
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA NA REGIÃO NORTE: POSSIBILIDADES, INQUIETAÇÕES E DESAFIOS	57
TEATROS, PESSOAS, FORMAÇÕES/DESENVOLVIMENTOS	66
Poéticas, Censuras, Políticas e Resistências	77
O CIBORGUE-QUIMÉRICO: MODUS OPERANDI DA CENSURA ÀS ARTES NA HISTÓRIA DO BRASIL	78
CULTURA, ARTE E EDUCAÇÃO NA MIRA DA CENSURA: RESITIR É PRECISO.....	91
PROFESSORES DE ARTES E SEUS MECANISMOS DE ESCOLHA	101
Giro Educacional: perspectivas para o ensino da arte como resistência.....	111
POR ENTRE GIROS, NA BUSCA DE HORIZONTES ESTÉSICOS	112
ECOS DE MEMÓRIA PARA RE-EXISTIR O ENSINO DE ARTE NO AMAZONAS	123
Chega de ocupar buracos e brechas na escola: professores da educação básica e políticas educacionais	135
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM ARTE/ARTES VISUAIS: SER VÍTIMAS OU PROTAGONISTAS DAS MUDANÇAS?	136
O ENSINO DA ARTE E A PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DO AMAZONAS NA PERSPECTIVA DA BNCC	153
Arte e os Nortes da Resistência na Amazônia	162
ÍNDIOS E CARA-PÁLIDAS NA DISPUTA MADE IN HOLLYWOOD PELAS FRONTEIRAS HISTORIOGRÁFICAS DA ARTE	163
A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA COMO ESPAÇO DE EXPERIMENTOS SIGNIFICATIVOS, COMO POSSIBILIDADE DE PRÁTICAS DE DESOBEDIÊNCIA EPISTEMOLÓGICA	182
Lugares e Contextos da Arte Educação no Brasil: as mulheres no Ensino de Arte... 194	
GLAUCIA AMARAL: UMA CURADORA CULTURALISTA	195



LUGARES E CONTEXTOS DA ARTE/EDUCAÇÃO NO BRASIL: MULHERES NO ENSINO DE ARTE	207
Quem ri na escola?	217
A ESCOLA NA FLORESTA: CAMINHOS PARA PENSAR A EDUCAÇÃO ESCOLAR EM COMUNIDADES TRADICIONAIS	218
MESAS-SIMULTÂNEAS.....	226
Que ensino para que arte em que escola?.....	226
A URGÊNCIA DE PROCESSOS CRIATIVOS, EXPERIÊNCIAS E ESTESIA EM EDUCAÇÃO MUSICAL.....	227
MEDIÇÕES ARTÍSTICAS ATRAVÉS DA CONTEXTUALIZAÇÃO COMO ELEMENTO FACILITADOR DA LEITURA E INTERPRETAÇÃO DO MUNDO	240
PERCURSO PELA EXPERIÊNCIA E EXPERIENCIAÇÃO: RESSONÂNCIAS DA EXPERIÊNCIA EM ARTE NO ENSINO DE ARTE	253
Poéticas em/de formação para campos áridos	265
MEMÓRIA DE AFETOS ENTRE MULHERES.....	266
STREET RIVER: DESLOCAMENTOS DE PAIASAGENS, IDENTIDADES E DE GÊNERO.....	276
TOMO III: da Ruína à Coragem	289
Arte, Educação, memória e história por um futuro mais democrático	300
O CORPO COMO ESTRATÉGIA DE INVESTIGAÇÃO DA CIDADE	301
O SARAU LGBT DO MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO E A (RE)OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO PELA COMUNIDADE LGBTQI+	310
QUAIS AS POSSIBILIDADES DE UM FUTURO MAIS DEMOCRÁTICO PARA O ENSINO DA ARTE DA DANÇA NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA?.....	319
(Micro)políticas Educacionais, discursos e práticas para destituir a arte da escola ..	331
A ARTE/EDUCAÇÃO E AS PESQUISAS SOBRE O 'ESCOLA SEM PARTIDO'	332
DANÇA, CRIANÇA E CURRÍCULO NOS MUNICÍPIOS DO RIO GRANDE DO NORTE: UMA PROPOSIÇÃO	345
NOVAS POLÍTICAS PARA O ENSINO MÉDIO E O ENSINO DE ARTE NOS INSTITUTOS FEDERAIS: PROBLEMATIZAÇÕES PARA RESISTÊNCIA.....	355
RODAS DE CONVERSA	368
Grupo de Trabalho Ensino de Arte	368
A ARIDEZ DE BOCAS, MÃOS E OUVIDOS: CONTAR HISTÓRIAS, APRENDER A LER, SUSSURAR POESIAS, PASSAR A ESCREVER, DEIXAR DE DESENHAR	369
A ARTE NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: AS CONEXÕES NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	379
A ARTE NO ENSINO MÉDIO: CONSTRUINDO POÉTICAS DE RESISTÊNCIA	391
A CRIAÇÃO DE PERFORMANCES NO CENTRO SOCIAL E CULTURAL VICENTE PALLOTTI. 403	
DANÇA CABE NA GALERIA? UMA ABORDAGEM ARTÍSTICA INTERDISCIPLINAR EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL	415
A EDUCAÇÃO SOMÁTICA NA DISCIPLINA TÉCNICA DE DANÇA CLÁSSICA.....	426



A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E O AUDIOVISUAL: REFLEXÕES PARA O CINEMA E O AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA	438
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA O ALUNO DE LICENCIATURA EM TEATRO.....	449
A INTERCULTURALIDADE NO ENSINO DE ARTE DA ESCOLA ESTADUAL SIZENANDO DINIZ A PARTIR DO CONTEXTO DA FESTA DA DAMURIDA	459
A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE AS DISCIPLINAS DE ARTE E PORTUGUÊS: UMA AÇÃO CONJUNTA QUE GERA BONS RESULTADOS	471
A LUDICIDADE NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS	483
A MEDIAÇÃO TEATRAL NA ESCOLA EM BUSCA DA AUTONOMIA DO ALUNO-ESPECTADOR	495
A MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	507
A POÉTICA DA MONITORIA DE “JOGOS TEATRAIS” NA FORMAÇÃO DOS DISCENTES DO CURSO DE TEATRO DO SEMIÁRIDO BAIANO	519
A PRÁTICA DO CANTO CORAL NO COTIDIANO DA POPULAÇÃO DE MANAUS.....	531
A REPRESENTATIVIDADE DO BUMBA-MEU-BOI SOTAQUE COSTA-DE-MÃO PELO OLHAR DE NHOZINHO.....	542
A VOLTA DE FORDLÂNDIA: AÇÕES EDUCATIVAS COMO PRÁTICAS DE ESTAGIO SUPERVISIONADO NA ASSOCIAÇÃO FOTOATIVA	553
AGLUTINAÇÕES PROFESSORA-PESQUISADORA-ARTISTA E A SALA DE AULA COMO LUGAR SEGURO PARA AS ERRÂNCIAS POÉTICAS	564
ALDEIA INDÍGENA, PIRAQUE-AÇU: AULA DE CAMPO COM ALUNOS DA REDE PÚBLICA ESTADUAL, NA CIDADE DE VITÓRIA (ES).....	576
ANTIGA ESTRADA DE FERRO BELÉM-BRAGANÇA: ARTE E PATRIMÔNIO NA ESCOLA DR. JOSÉ JOÃO DE MELO, EM CASTANHAL (PA).....	587
APONTAMENTOS ACERCA DA ATUAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL I EM JOÃO PESSOA-PB: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	598
ARTE EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INTEGRAL – A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA MUNICIPAL SERGIO ALFREDO FIGUEIREDO.....	611
ARTE, INFÂNCIA E ESCOLA PÚBLICA: NA PERSPECTIVA DE UMA PROFESSORA DO ENSINO BÁSICO.....	621
ARTE/EDUCAÇÃO COM PRÉ-HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DA PROPOSTA TRIANGULAR NAS AULAS DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO NO ENSINO INFANTIL.....	631
ARTES VISUAIS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA	643
ARTES VISUAIS NO CONTEXTO DA DEFICIÊNCIA VISUAL: INQUIETAÇÕES PROVOCADAS POR ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	654
ARTESANATO NA ESCOLA: CONSTRUINDO SABERES ATRAVÉS DA PRÁXIS	666
AS AÇÕES EDUCATIVAS NAS EXPOSIÇÕES DE ARTE CONTEMPORÂNEA: UM DIÁLOGO ENTRE A ARTISTA E A PRODUÇÃO DOS ALUNOS	678
ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DE MÚSICA DA ESCOLA MUNICIPAL HOSPITALAR E DOMICILIAR IRMÃ DULCE.....	686
BRICOLAGEM E PESQUISA BASEADA EM ARTE: UMA PROPOSTA DE RELAÇÃO ENTRE METODOLOGIAS	696



CAMADAS, LINHAS, ARTE E EGITO: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE ARTE COM SURDOS	704
CAMINHOS POSSÍVEIS PARA O DESPERTAR DO “ESTADO DE TRABALHO” DO ARTISTA DA CENA EM SEU TREINAMENTO: REVERENCIANDO O <i>CAVALO DE VENTO</i>	714
CONCEITOS EMERGENTES PARA A ARTE/EDUCAÇÃO: PÔR TELEOLÓGICO/TRABALHO ...	723
CONSTRUINDO CAMINHOS DE EMPODERAMENTO PELA DANÇA: VISUALIDADES E PROCESSOS DE CRIAÇÃO NO PROJETO ORLANDANÇA	731
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA LINGUAGEM VISUAL	743
CORPO E CANTO EM RODA: ARTE COMO EXPERIÊNCIA BRINCANTE	753
CORPO EM DELITO: DENÚNCIAS DAS ARTES VISUAIS AOS GAMES	763
CORPO, ESPAÇO E MOVIMENTO: UMA PRÁTICA DE DANÇA NO COMPONENTE CURRICULAR DE ARTE.....	774
CORPOS TRANS NA ESCOLA – CONFRONTOS ENTRE OS DISCURSOS HETERONORMATIVOS E A PEDAGOGIA TEATRAL COMO PRÁTICA LIBERTADORA	787
CORPOS-SABERES EM MOVIMENTO: A DANÇA NO REFERENCIAL CURRICULAR FRANCISCANO.....	799
DESENHANDO UMA COMPREENSÃO SOBRE O ENSINO/APRENDIZAGEM DO DESENHO NA ESCOLA	807
DISSOLVENDO FRONTEIRAS NA CRIAÇÃO DOCENTE E SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS..	818
DO CONTO À CENA: A ENCENAÇÃO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA EM UM NÚCLEO DE ARTE DO MUNICÍPIO DO RJ	830
DO ESTUDO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS À EXPERIMENTAÇÃO DO ENSINO COLETIVO DE FLAUTA-DOCE	841
DRAMATURGIAS A PARTIR DE CRIADORES: ARTE E RESISTÊNCIA NO CHÃO DAS ESCOLAS	853
ECOSSISTEMAS ARTÍSTICOS EM ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTES DIGITAIS	865
EDUCAÇÃO, ARTE E VIDA: POSSIBILIDADES DE RECONCILIAÇÃO	874
ENSINO DE ARTE E DIVERSIDADE CULTURAL NA PERSPECTIVA DO MULTICULTURALISMO CRÍTICO	884
ENSINO DE ARTE NO COLUN: TRAJETÓRIAS E DESAFIOS DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA COMPOSIÇÃO CURRICULAR.....	895
ENSINO DE TEATRO NO CONTEXTO ESCOLAR MILITAR: COMO INTERVIR NO PROCESSO EDUCACIONAL ARTÍSTICO?	907
ENSINO E PRÁTICA MUSICAL: O CORAL DE TROMBONES E TUBAS NO VIVENCIAR ACADÊMICO.....	918
ENSINO NÃO FORMAL: TRÂNSITOS SENSÍVEIS ENTRE ARTE, MODA E DIVERSIDADE CULTURAL	930
ENTRELAÇAMENTOS ENTRE EDUCAÇÃO, ARTE E ARTETERAPIA	942
ESTAR OLHAR CRIAR PARTILHAR: ESTÉTICA CONECTIVA, ESTÉTICA DA MEMÓRIA E O DESEJO DE SOBREVIVÊNCIA NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS	954
ESTÉTICAS URBANAS: LUGARES E CONTEXTOS	967
ESTUDANTE ARTISTA: O PROCESSO ARTÍSTICO NO ENSINO DA FOTOGRAFIA	979
<i>EU AUTOR</i> : UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	991



EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS NA AMAZÔNIA PARAENSE: COLONIALISMO E QUESTÕES DE GÊNERO	1002
EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS: MEMÓRIAS DA DOCÊNCIA	1014
FENDA ARROIO: SOBRE VER PORES DO SOL DE COSTAS	1025
FOTOGRAFIA DA CENA: UM OLHAR COM E SOBRE AS ARTES PRESENCIAIS	1037
FOTOGRAFIA E AUDIOVISUAL: UM RELATO DO ENSINO DE ARTES VISUAIS	1049
GRILHÕES HISTÓRICOS DE UMA POLÍTICA COLONIALISTA DA ARTE-EDUCAÇÃO NO BRASIL	1058
IMAGENS E PESQUISA QUALITATIVA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS CRÍTICOS NA AMAZÔNIA	1068
INICIAÇÃO AO INSTRUMENTO DE METAL E SEUS DESAFIOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	1080
INVENCIONÁTICA: UM OUTRO OLHAR PARA O ÍNFIMO	1090
JARDIM DAS ARTES: APRENDIZAGENS, EXPERIÊNCIAS E AFETOS	1100
JOGAR, DESENHAR E (PER)FORMAR EM ATOS PELO (RE)USO PARA CRIAR/TRANSFORMAR	1112
KANDINSKY E A ABSTRAÇÃO GEOMÉTRICA: UMA POSSIBILIDADE DE DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE A ARTE ABSTRATA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	1125
LIBERAR A SENSÇÃO: A MATÉRIA CÊNICA E SUAS POSSIBILIDADES DE AFECÇÕES	1137
LIXO, ARTE E ECOAÇÃO: UMA POÉTICA PERFORMATIVA.....	1148
MEDIAÇÃO COMO UM NOVO OLHAR PARA O ENSINO DE ARTES	1159
MIL MORADAS E UMA – ADEL SOUKI: A ARTE RELACIONAL E A POTÊNCIA DOS ENCONTROS NO ENSINO DE ARTE	1171
MOSAICO NA ESCOLA: O RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA.....	1182
MOVER E APRENDER: EXPERIÊNCIAS DO MOVIMENTO NA ROTINA ESCOLAR	1192
NARRATIVAS POÉTICAS DO PROFESSOR ARTISTA	1204
O ALUNO ENQUANTO DRAMATURGO: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONCEITO DE DRAMATURGIA E POSSÍVEIS ENTRELAÇAMENTOS PARA O SEU USO NAS AULAS DE TEATRO NA ESCOLA DE ENSINO FORMAL	1216
O AMOR EM UM CONTEXTO VIOLENTO: UMA EXPERIÊNCIA EM ENSINO APRENDIZAGEM TEATRAL NO CUCA JANGURUSSU	1227
O ARTE-EDUCADOR E A PINACOTECA DO AMAZONAS	1237
O CIRCO COMO ROMPIMENTO DA ESTRUTURA EDUCACIONAL MECANIZADA	1249
O DIÁRIO DE BORDO COMO INSTRUMENTO AVALIATIVO NO ENSINO DE ARTE.....	1259
O ENSINO DE ARTE POR MEIO DE TEATRO DE GRUPO: CRIAÇÃO COLETIVA E PEDAGOGIA TEATRAL	1271
O PAPEL DO ARTE EDUCADOR EM TEMPOS DE CENSURA: REPENSAR A PRÁTICA É MAIS QUE NECESSÁRIO	1284
O VELADO E A TRANSPARÊNCIA - COSMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS	1296
OFICINAS ITINERANTES DE INTERPRETAÇÃO TEATRAL E A PEDAGOGIA DO ATOR ATRAVÉS DAS PERSPECTIVAS STANISLAVSKIANAS.....	1307



OS CONTEXTOS DA ARTE DA PERFORMANCE E A PREPARAÇÃO CORPORAL DO ARTISTA	1320
OS NOVOS RUMOS DO PROJETO CONTADORES DE HISTÓRIAS NA COMUNIDADE A PARTIR DAS ANÁLISES DOS DIÁRIOS DE CAMPO.....	1332
PARTITURAS SONORAS EM MOVIMENTO: UMA EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA.....	1340
PASSOS POÉTICOS: O ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM CAICÓRN.....	1351
PELA CORPA TOCAMOS O MUNDO: PINTURA E MÚSICA COM PIGMENTOS NATURAIS E SANGUE MENSTRUAL.....	1363
PINDORAMA É AQUI.....	1375
PODE FUNK NA ESCOLA? O BONDE PEDE PASSAGEM: DANÇANDO PASSINHO DOS MALOKA	1383
PRÁTICAS METODOLÓGICAS DO TEATRO IMAGEM E TEATRO FÓRUM NA ESCOLA ESTADUAL RUY ARAÚJO	1392
PROFESSOR DE ARTES/ARTES VISUAIS: CONFLITOS DE REPRESENTAÇÃO ENTRE O DOCENTE, O ARTISTA E O PROFESSOR-ARTISTA.....	1405
“QUEM PROCURA ACHA”: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UM NOVO OLHAR PARA AS COMUNIDADES DE SÃO FRANCISCO DO CONDE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM AUDIOVISUAL NA ESCOLA.....	1418
(RE)CONHECENDO AS MULHERES NAS ARTES VISUAIS E NA LITERATURA	1427
REDE COLETIVA: DIÁLOGOS EM BUSCA DA EXPERIÊNCIA COLETIVA E DO EXERCÍCIO DE LIBERDADE DENTRO DO ESPAÇO ESCOLAR.....	1438
RELATO DE EXPERIÊNCIA USANDO ATIVIDADES RÍTMICAS NAS AULAS DE MUSICALIZAÇÃO DO CENTRO DE ARTES DA UFAM (CAUA 2).....	1449
RETRATANDO SUAS ORIGENS: UMA EXPERIÊNCIA (INTER-, TRANS-)DISCIPLINAR EM ARTE E CIÊNCIAS HUMANAS NA OLIMPÍADA DE HUMANIDADES.....	1457
SABERES NAGÔ-IORUBÁ NA ARTE-EDUCAÇÃO: ARTE COMO RESISTÊNCIA E AUTOLEGITIMAÇÃO AFRO-BRASILEIRA	1469
SCHWANKE DESTAQUE: UMA PROPOSTA DE CURADORIA EDUCATIVA PENSADA COMO CURADORIA EXPANDIDA.....	1481
TEATRO SURDO: PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM ESCOLAS BILÍNGUES PARA SURDOS	1493
TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO LINGUAGEM NO ENSINO DE ARTE.....	1506
TEXTO E JOGO NO CONTEXTO DA SOCIOEDUCAÇÃO.....	1516
TEXTURA COMO PROPOSIÇÃO ARTÍSTICA: UM CONVITE AOS “SENTIMENTOS” NA CONSTRUÇÃO DO ENSINO DE ARTE.....	1526
TUDO MUNDO EM PÂNICO - ARTES VISUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL	1537
TRAJETÓRIAS DE UMA RITUALIZAÇÃO DA SENSIBILIDADE NO TEATRO ESCOLAR	1550
UM DIA NO MUSEU DE ARTE: ENTRE IMAGENS DE PUBLICIDADE E A EDUCAÇÃO EM ARTES VISUAIS.....	1563
VIGIAR, PUNIR E ESCOLHER: NASCIMENTO DA PRISÃO ESTÉTICA: RECEPÇÃO DAS VISUALIDADES DO VIDEOCLÍPE MAIS ACESSADO DO YOUTUBE BRASILEIRO EM 2018..	1576
Grupo de Trabalho História e Memória	1587



A ARTE DE CAMINHAR: PERCURSOS DE AUTORIA DA FORMAÇÃO DE UMA ARTE-EDUCADORA.....	1588
A TRAJETÓRIA DA ARTE-EDUCADORA JOANA LOPES: UMA HISTÓRIA SOBRE ENSINO DE TEATRO NO BRASIL.....	1601
APRESENTAÇÃO DE MACUNAÍMA/MAKUNAIMA: UM OLHAR ARTÍSTICO A PARTIR DA CRIAÇÃO DE UMA INSTALAÇÃO.....	1614
AS HISTÓRIAS E O LIVRO NO PERÍODO COLONIAL: UM ESTUDO A PARTIR DA LENDA DA HIPUPIARA.....	1626
CULTURA VISUAL E REPRESENTAÇÕES DA JUVENTUDE SOBRE PRÁTICAS CULTURAIS.....	1639
DE PROFESSOR-ARTISTA PARA GESTOR-ARTISTA: O OLHAR E O DESAFIO EM SUAS CONEXÕES.....	1651
DUAS ARTISTAS PERNAMBUCANAS: MEMÓRIAS DE UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA.....	1663
EM BUSCA DE UM ENSINO DE ARTE SIGNIFICATIVO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A FORMAÇÃO INTEGRAL NO ENSINO VOCACIONAL DA DÉCADA DE 1960.....	1673
ENSINO DE TEATRO NA UNIVERSIDADE: YAN MICHALSKI NA SEMANA DE ARTE E ENSINO NA ECA/USP EM 1980.....	1686
EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DA CRECHE/PRÉ-ESCOLA OESTE DA USP SOB O OLHAR DA ARTE/EDUCAÇÃO.....	1697
FORTALEZA DE SÃO JOSÉ DE MACAPÁ: A ÓPTICA PATRIMONIAL E O FAZER ARTÍSTICO – PARA ALÉM DAS MURALHAS.....	1709
HISTÓRIA DA ARTE AMAZÔNICA, PERSPECTIVA ABERTA PELA COLEÇÃO AMAZONIANA.....	1718
HISTÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIAS DE DANÇA.....	1731
JEREMIAS: O MAESTRO CHORÃO – HISTÓRIA ORAL DE VIDA.....	1742
JEVEAUX – ARTISTA PROFESSOR EM TRÊS DÉCADAS DA ARTE CAPIXABA.....	1755
MANOEL PASTANA: A EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE DESENHO PARA O INCREMENTO DOS PROCESSOS DE ENSINO EM ARTE NA EDUCAÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XX EM BELÉM(PA).....	1767
MEMÓRIA, LIVRO DE ARTISTA, POIESIS E CARTOGRAFIA: PISTAS PARA COMPREENDER OS ELEMENTOS MOBILIZADORES DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DE LIVRO DE ARTISTA....	1779
MULHERES NA ARTE: AMPLIANDO REFERÊNCIAS DA HISTÓRIA PARA O ENSINO DA ARTE.....	1791
NARRATIVAS ORAIS: HISTÓRIA ORAL E PESQUISA SOBRE ENSINO DE ARTE.....	1803
NINA MATOS, O DESVELAR DA PRODUÇÃO.....	1812
O CAMINHO DA COBRA COMO PROPOSTA NO ENSINO DA ARTE.....	1825
O OLHAR HÍBRIDO/FOTOGRAFICO DE PAULA SAMPAIO.....	1836
PEQUENA CARTOGRAFIA DE UMA PROFESSORA ANDARILHA NA AMAZÔNIA PARAENSE.....	1849
PLATAFORMAS DIGITAIS E A PRODUÇÃO ARTÍSTICA: O REFLEXO DA CYBERCULTURA NA OBRA MERIADOC “O FUNGO” DO CARTUNISTA LUIZ ANDRADE.....	1861
PROCESSOS COLABORATIVOS ENTRE MUSEUS E ESCOLAS: A COLEÇÃO DO MASP INVESTIGADA POR CRIANÇAS.....	1871
PROGRAMAS EDUCATIVOS, OFICINAS ARTÍSTICAS E CULTURAIS NOS <i>MUSÉE D’ETHNOGRAPHIE DE GENÈVE</i> E NO <i>NATIONAL MUSEUM OF SCOTLAND</i>	1884



[RE]DESCOBRINDO A DANÇA CONTEMPORÂNEA NA AMAZÔNIA SUL OCIDENTAL.....	1898
REZA: PERCURSOS DE UMA PROPOSTA ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA.....	1911
STANISLAVSKI E PAULO FREIRE SÃO AMIGOS ESSE TEMPO TODO E SÓ NOTAMOS NA PRÁTICA	1920
UM RELATO SOBRE PROVOCAÇÕES A RESPEITO DA NEGRITUDE NA CENA TEATRAL UNIVERSITÁRIA MANAUARA E NÃO UNIVERSITÁRIA	1934
Grupo de Trabalho Formação de Professores	1946
A COMPREENSÃO DOS SABERES DOCENTES NA FORMAÇÃO E PRÁTICA DA DANÇA.....	1947
A INSERÇÃO DA MÚSICA NO COMPONENTE CURRICULAR ARTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ALGUMAS DESAFINAÇÕES NA PRÁTICA DA LEI 13.278/2016	1958
A NEGAÇÃO: IMPEDIMENTOS PRODUTIVOS NA VIDA DE UM PROFESSOR DE ARTE.....	1970
AÇÕES DE RESISTÊNCIA E SENSIBILIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	1980
ARTE E COMUNIDADE: UMA PROPOSTA QUE CONSIDERA UMA FOMRAÇÃO HUMANA INTERCONECTADA COM A NATUREZA E O COSMO	1992
ARTE E SUSTENTABILIDADE: ENSINO, CULTURA E ARTE NA COMUNIDADE RURAL JACAMIM	2005
ARTE EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO CULTURAL - NARRATIVA DE MATRIZ AFRICANA EM PERCURSO FORMATIVO	2015
ARTE/EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS: IDENTIDADES EM DES/CONSTRUÇÃO	2027
DIÁRIOS DE BORDO: EXPERIÊNCIAS, NARRATIVAS E (TRANS)FORMAÇÕES.....	2038
EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO ENSINO DA ARTE NAS ESCOLAS A PARTIR DAS OBRAS DE JAIDER ESBELL.....	2050
ENSINANDO FLAUTA DOCE PARA CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL 1.....	2059
ENSINO DE ARTES E A ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UFPA: UM DIFERENTE OLHAR PARA O ENSINO MÉDIO	2069
ENTRE DEVIRES E PORVIRE: A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM DANÇA/INFÂNCIA/ESTÁGIO NO CONFAEB.....	2079
ENTRE SONORIDADES E CORPOREIDADES NO ENSINO DA FLAUTA DOCE NA TERCEIRA IDADE.....	2092
EXPERIÊNCIAS DE DENTRO E DE FORA – O QUE A UNIVERSIDADE PODE APRENDER COM A ESCOLA?	2104
EXPERIMENTAÇÃO POÉTICA NA DISCIPLINA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO: RELATO SOBRE A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR.....	2116
FORMAÇÃO / ATUALIZAÇÃO / ENCONTRO COM EDUCADORAS E EDUCADORES DE ARTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	2126
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTE VISUAIS EM MATO GROSSO DO SUL: ÁREA EM CRESCIMENTO?	2134
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA EXPERIÊNCIA INCLUSIVA	2146
JOGOS TERAPÊUTICOS: O ARCO-ÍRIS DO DESEJO	2157
MODOS DE PERTURBAR O ESTATUTO DOS SABERES NA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS	2169
O DESENHO E A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: UM ESTUDO SOBRE A FASE GRÁFICA	2183



O DIÁLOGO DO POSSÍVEL: ARTE, CULTURA E PEDAGOGIA	2195
O ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DE PARINTINS/AM	2204
O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO CONTEXTO DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM SURDEZ: DESAFIOS E METODOLOGIA DO PROFESSOR NA ESCOLA PÚBLICA.....	2216
O ENSINO DE MÚSICA NA COMUNIDADE RURAL JACAMIM-AM: ENTRE AS PRÁTICAS CULTURAIS E A EDUCAÇÃO MUSICAL.....	2227
O PROFESSOR GENERALISTA E O CONTEÚDO MUSICAL: UMA ANÁLISE COM BASE NAS FUNÇÕES SOCIAIS DA MÚSICA.....	2237
OFICINA DE TEATRO: AMPLIANDO AS PRÁTICAS DOCENTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO AMAZONAS	2250
OFICINA DO OBJETO: CULTURA MATERIAL, INTERDISCIPLINARIDADE E PENSAMENTO CRÍTICO	2260
OS ENTRELAÇOS DA PESQUISA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ORIENTA-AÇÕES NA FORMAÇÃO DOCENTE EM MANAUS.....	2272
PRÁTICAS DE ENSINO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA DA UFAM	2280
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: O ARQUIPÉLAGO ARTÍSTICO NO OLHAR POÉTICO DE TRÊS ILHAS PEDAGÓGICAS	2289
SABERES CONSTRUÍDOS EM ESPAÇO NÃO FORMAL PARA A FORMAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES	2302
SABERES EM DIÁLOGO: DOCÊNCIA E PESQUISA EM ARTE NA E COM A ESCOLA	2314
SÃO PAULO FAZ ESCOLA? UM ENSAIO SOBRE CURRÍCULO E RESISTÊNCIA!.....	2325
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO MUSICAL: USO DE APPS NO ENSINO DA FLAUTA DOCE.....	2339
UMA ANÁLISE DOS DOCUMENTOS NORTEADORES DO ENSINO E AS DIFICULDADES DO ENSINO DE MÚSICA NO ENSINO BÁSICO	2352
UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE ARTE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS	2361
Grupo de Trabalho Políticas Educacionais.....	2372
A ESCOLA NO ESPAÇO DA ARTE OU A ARTE NO ESPAÇO DA ESCOLA: ENCONTROS, ENTRELAÇAMENTOS, O ENTRE-LUGAR.....	2373
INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA NO CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA	2385
LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD - ARTES PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I.....	2398
O ENSINO DA ARTE E SUA DISPERSÃO NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR.....	2411



ARTES VISUAIS NO CONTEXTO DA DEFICIÊNCIA VISUAL: INQUIETAÇÕES PROVOCADAS POR ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Joelma Hemenegilda Sena¹ – UFMG

Resumo

O presente artigo é resultado de pesquisas realizadas para elaboração do trabalho de conclusão de curso que buscou refletir sobre a inclusão de deficientes visuais no contexto das Artes Visuais. Nesse sentido, foram estabelecidos diálogos sobre imaginação, cegueira/visão e percepção entre artistas, pesquisadores e educadores com e sem deficiência visual seguidos de um relato de experiência de estágio curricular realizado na Educação Especial, no estado de Minas Gerais. Nesta pesquisa conclui-se pela necessidade de aprimorar a oferta de arte acessível às pessoas com deficiência e, nos cursos de formação de professores de Artes Visuais, discutir práticas pedagógicas possíveis no fazer artístico de, com e para deficientes, que reflitam sobre formas de adequar o processo de ensino/aprendizagem em Artes Visuais para esse alunado e que fortaleçam os docentes enquanto provocadores de experiências para todos em suas formas e de-formas.

Palavras-chave: Arte. Educação. Inclusão.

Introdução

Em 20 de dezembro de 1996 foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei 9.394) que estabeleceu de forma expressa que, a partir daquele momento, a Educação Especial seria oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, bem como o Atendimento Educacional Especializado – AEE – para atender demandas específicas dos alunos com necessidades educacionais especiais, como deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. O atendimento em serviço especializado, segundo §2º, do Artigo 58, da LDB, somente poderia ser ofertado quando “em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular”.

Anos mais tarde, em julho de 2015, reforçando ainda mais o entendimento de que, para que haja uma inclusão de fato, o ensino regular deve receber alunos com deficiência e se adequar para que as necessidades dos alunos sejam atendidas, foi instituída a Lei Brasileira de

¹ Licenciada em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e bacharelanda em Desenho pela mesma instituição. E-mail: jo_sena@msn.com



Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146) destinada a “assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania”.

Entretanto, apesar de receber esse alunado, as escolas ainda não estão devidamente preparadas para tal, tendo em vista que dar acesso, por si só, não garante a inclusão. Incluir é, para além de favorecer a acessibilidade, dar autonomia e, nesse tocante, é necessário que o espaço escolar e, mais ainda, a comunidade escolar estejam preparados para acolher esses discentes.

De acordo com Freire (2008), “somos seres condicionados mas não determinados”, (FREIRE, 2008, p.19). Isso, no contexto das diferenças, vem dizer que embora as diferenças existentes condicionem os indivíduos, jamais poderão determiná-los. O que os determina são as oportunidades a que têm acesso, os ambientes em que são incluídos e, por isso, apartá-los do convívio social acessível e inclusivo é uma mostra de discriminação. Todo ato discriminatório, dizia Freire (2008), deve ser rejeitado, pois “ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (FREIRE, 2008, p.36).

Refletindo acerca da presença de alunos “diferentes” na educação regular, Alves (2014) alega que “as escolas pressupõem que todos os alunos são iguais, que eles devem aprender as mesmas coisas, nas mesmas horas, no mesmo ritmo. Parecidas com as linhas de montagem nas fábricas” (ALVES, 2014, p.86). Esses alunos, tendo em vista que nem sempre lhes é oportunizado acompanhar o ritmo dos demais, acabam sendo excluídos neste processo dito inclusivo.

Bourdieu (2007), dizia que “[...] tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura.” (BOURDIEU, 2007, p.53). Em outras palavras, o sociólogo alerta para o perigo de se tratar todos os alunos como iguais, pois esse comportamento leva a escola a legitimar o processo de exclusão.

Segundo Mantoan (2017):

Percebemos que, nesses ambientes, os alunos estão se diferenciando, juntos, apesar de todas as forças que possam agir em contrário: alguns alunos só estão na mesma sala, mas não acompanham os demais; a inclusão está excluindo mais do que trazendo benefício para certos alunos. (MANTOAN, 2017, p.42)



Nesta perspectiva se apresenta um grande desafio aos educadores: atuar no processo inclusivo de forma a estimular que o aluno seja protagonista do próprio processo de aprendizagem, promovendo a interação entre todos os alunos em suas semelhanças e diferenças, bem como mediar as relações estabelecidas entre alunos, escola e pais. Um desafio a ser superado, pois, como bem indagava Freire (2008): “como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? (FREIRE, 2008, p.67).

Desta feita, é muito importante que a formação docente contemple em seu currículo disciplinas destinadas à compreensão, à problematização, à reflexão e ao trabalho junto às pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação.

A Arte, em sua transversalidade, também deve se inserir na formação com propostas inclusivas tendo em vista a importância do ensino/aprendizagem das várias modalidades da Arte na educação que, além de estimular a criatividade, oportunizar a apropriação do conhecimento e levar à formação do pensamento crítico, ainda possibilita ao ser integrar-se ao mundo e relacionar-se com a realidade.

Neste artigo pretende-se refletir sobre as Artes, mais especificamente as Artes Visuais, no contexto das deficiências visuais a partir de diálogos com artistas – deficientes ou não –, educadores, entre outros, no intuito de demonstrar que embora a nomenclatura Artes Visuais remeta a uma experiência fundamentalmente visual, essa linguagem ultrapassa o sentido da visão porque arte se faz e se sente com o corpo todo.

Também neste artigo será apresentado um relato de experiência de estágio em Artes Visuais realizado em um Instituto dedicado à Educação de Deficientes Visuais no estado de Minas Gerais que trouxe reflexões acerca dos desafios e possibilidades do ensino de Artes na Educação Especial.

Reflexões sobre cegueira, percepção, imaginação e as Artes Visuais dos não videntes

O artista Kandinsky, em seus ensaios sobre arte, ponderou que “os seres humanos tornam-se cegos” (KANDINSKY, 2013, p.136). Com essa expressão o artista não falava sobre a cegueira física, mas explicitava a incapacidade que por vezes desenvolvemos de enxergar além do que é visível. A arte, para além de ser vista, é, sobretudo, para ser sentida e por isso, dizia o artista, “não há ser humano que não responda à arte. Cada obra e cada meio expressivo



correspondente causa em toda pessoa, sem exceção, uma vibração, que é fundamentalmente idêntica à do artista.” (KANDINSKY, 2013, p.193)

Tal vibração independe da acuidade visual, pois está ligada às sensações que a arte estimula. Segundo define Pimentel (1991), arte é forma integradora de sentir/perceber o mundo, o real, o imaginário e a fantasia:

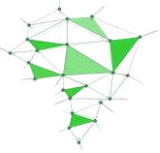
Ao sentir/perceber o mundo, a criança, o adolescente, o aluno, relaciona-se com a realidade ou com outras realidades sentidas/percebidas e tem condições de articular conhecimentos e formular conceitos, além de poder extrapolar o real, o visível, inventando fantasias que poderão vir a ser invenções ou inovações nos vários campos do conhecimento. (PIMENTEL, 1991, p.7)

Por isso, constantemente, discute-se a importância de manter a Arte, em todas as suas modalidades, como componente curricular obrigatório na educação básica já que seu ensino/aprendizagem é altamente estimulante do pensamento crítico sem o qual tornamo-nos ideologicamente cegos.

Nosso primeiro contato com o ambiente externo ocorre, via de regra, por meio da percepção que antecede a elaboração cognitiva e se dá pelos cinco sentidos. Desprovidos do sentido da visão, os não videntes têm os sentidos da audição, do olfato, do paladar e do tato mais acentuados. Esse condicionamento genético não determina, porém, que os cegos não possam fruir das Artes ditas Visuais. Contudo, o uso do adjetivo visuais, que (des)qualifica esse tipo de arte, tende a limitar sua fruição como também o faz a falta de acessibilidade.

Rubem Alves (2014) dizia que “não basta ter bons olhos para ver. Ver não é um processo fisiológico. É um ato poético” (ALVES, 2014, p.81). Isso porque a visão não está limitada àquilo que é visível, tampouco é prerrogativa exclusiva dos olhos, ou seja, ver não é um movimento puramente externo e alguns artistas ao longo da História da Arte que apresentaram e apresentam deficiências visuais demonstram isso com maestria.

O norte-americano John Bramblitt iniciou sua carreira de pintor em 2001, aos trinta anos, após a perda da visão. O artista afirma que para fruir e/ou fazer arte não é preciso enxergar, pois a arte se origina em nossas mentes e corações. Autodidata, Bramblitt acredita que qualquer um pode aprender a se expressar por meio da arte e diz que começou a desenhar usando tintas que deixavam linhas em relevo no suporte. Com o tempo e a prática foi aperfeiçoando sua técnica até começar a utilizá-la na pintura empregando cores por meio do processo de visualização háptica que nada mais é que a visualização por meio do tato. É com as pontas dos



dedos que o pintor diferencia as cores por sua textura, o que vem a confirmar a teoria de Kandinsky (1996) de que “a cor provoca, portanto, uma vibração psíquica. E seu efeito físico superficial é apenas, em suma, o caminho que lhe serve para atingir a alma” (KANDINSKY, 2013, p.66).

Bramblitt, além de pintar, ministra cursos, oficinas e *workshops* sobre e de Arte e também atua como consultor em Museus e Galerias trabalhando para tornar esses espaços mais acessíveis. Atualmente o artista produz seus quadros e transforma-os em imagens digitais que são reproduzidos para venda a exemplo da Fig.1 que mostra a obra “Emerge”.

Fig 1. Emerge – Pintor: John Bramblitt²



A Fig.2 traz uma fotografia feita pelo filósofo e fotógrafo esloveno Evgen Bavcar. Cego desde os onze anos devido a dois acidentes sofridos, o artista possui fotografias conhecidas em todo o mundo, sendo o retrato de sua sobrinha uma das obras de maior destaque. Para a captura da imagem, o fotógrafo pediu à sobrinha que corresse com um sino para que ele pudesse identificar sua posição. Fotografando o invisível (som), o artista produziu uma imagem do visível.

² Disponível em: < <https://bramblitt.com/collections/limited-edition-prints/products/emerge-1>>. Acesso em: 18 de agosto de 2019



De acordo com Bavcar (1994), “se queremos ir às origens das imagens visuais, nós chegamos forçosamente ao espaço do invisível, este do verbo, e à noite que precede o dia das figuras conhecíveis” (BAVCAR, 1994, p.461). No entendimento do artista, palavras e sons favorecem a imaginação e a conseguinte criação de imagens mentais. Ele comprova seu argumento se referindo à escultura renascentista Moisés de Michelangelo que, segundo o artista, possui cornos devido a um equívoco de tradução do texto bíblico utilizado pelo escultor.

Fig 2. Retrato da Sobrinha – Foto: Evgen Bavcar³



No documentário Janela da Alma de João Jardim e Walter Carvalho, lançado em 2001, Bavcar diz que mesmo não sendo capaz de ver as imagens é capaz de fazê-las e diz ainda que, devido ao consumo de imagens já prontas por meio da mídia, acabamos por não estimular nosso olhar interior e isso está levando o mundo a uma cegueira generalizada, já que prescindimos da nossa imaginação e da nossa criatividade

Manoel de Barros (1916-2014), diz que “o olho vê, a lembrança revê, mas é a imaginação que transvê”, pois é vendo além que se cria, recria e transforma o mundo. Segundo o poeta, a capacidade de transfigurar e de transver é indispensável ao artista. Essa constatação de Barros sobre a imaginação que transvê pode ser ilustrada com uma cena do filme A história da Eternidade (2015), do pernambucano Camilo Cavalcante. No longa-metragem que conta a

³ Disponível em: < <http://www.anoilaparola.it/public/EB1612.jpg>>. Acesso em: 18 de agosto de 2019.



história de três sertanejas, Joãozinho (Irândhir Santos), um artista incompreendido, presenteia a sobrinha Alfonsina (Débora Ingrid) com a realização do sonho de ver o mar, mas por meio da imaginação.

Fig 3. Frame do filme A História da Eternidade (2015) – **Fonte:** Youtube



Na cena em questão, Alfonsina e Joãozinho caminham pelo sertão até chegarem ao local onde o tio pede à sobrinha que se sente e feche os olhos para então conduzi-la ao mar interior, ao mar da imaginação, por meio de sua narrativa (o verbo, de Bavcar). Lançando mão de recursos sensoriais para favorecer a construção da imagem mental como um espelho para refletir a luz do sol e simular um espelho d'água, um saquinho de chup-chup para orvalhar água sobre a pele da menina trazendo-lhe à memória a sensação da água após a quebra de uma onda e uma concha para resgatar o som do litoral, Joãozinho conseguiu levar Alfonsina a ver o mar, o mar que sua memória (a lembrança, de Barros) permitiria sempre rever segundo o tio.

A capacidade de imaginar e transfigurar não falta aos não videntes, que criando suas imagens mentais seguem buscando distanciar-se do determinismo, transfigurando a partir de sua visão interior, de sua percepção, de sua leitura de mundo. Para Bavcar (1994) o pensamento é o verificador da verdade e não o olhar físico, mas a comprovação da existência física de algo é prerrogativa do tato:

Poder-se-ia defini-lo como um olhar chegado, ou encostado, aquele que não provoca ainda a separação inelutável entre o sujeito e o objeto do conhecimento. [...] O toque táctil continua sendo o sentido da verdade, dado



que ele não pode negar a materialidade das coisas. Ele não pode confundir a imagem com o seu substrato material. (BAVCAR, 1994, p. 464)

Desta maneira, para que a acessibilidade na arte e a arte acessível sejam uma realidade para deficientes visuais, é de suma importância proporcionar a esse público experiências táteis tanto em relevos, enquanto tridimensionalidade que possibilita a percepção de formas por meio do toque, quanto em Braille, que permite a leitura textual.

Artes acessíveis ou inclusivas são as diversas linguagens, manifestações e espaços da arte providos de meios para que os portadores de necessidade especiais possam fruí-las tendo seu direito à cultura assegurado em igualdade de oportunidade. Isso implica em acesso a bens culturais, cinema, teatro, entre outros, em formato acessível, bem como a acessibilidade a monumentos e a espaços que conservem, difundam ou exponham a arte e o patrimônio histórico, artístico e cultural.

A acessibilidade e a inclusão exigem reflexão e planejamento e são demandas antigas, que a legislação brasileira vem ratificando reiteradamente. Trata-se não só da responsabilidade do Estado, mas da sociedade como um todo e da família de assegurar aos deficientes a efetivação de uma série de direitos dentre os quais se encontram a cultura, o respeito, a liberdade e, principalmente, a educação que, segundo Freire (2008), abre espaço para que a autonomia seja conquistada, dando ao ser condições de se inserir no mundo ao invés de tão somente se adaptar a ele (FREIRE, 2008, p.54).

A experiência na Educação Especial: Artes Visuais com e para deficientes visuais

A experiência se deu por meio de estágio curricular realizado em um Instituto dedicado à Educação de Deficientes Visuais no Estado de Minas Gerais. Foi um desafio, considerando que no percurso da licenciatura em Artes Visuais nada se fala sobre o ensino a pessoas com necessidades educacionais especiais, o que é um equívoco tendo em vista que a Educação Especial deve ocorrer, prioritariamente, na Rede Regular de Ensino e, portanto, eventualmente os docentes terão contato com esse alunado.

Após algum tempo de observação, foi levada à coordenação pedagógica do Instituto a proposta de aula cujo tema era máscaras. Inicialmente, houve uma preocupação em sistematizar as atividades a partir da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, considerando a importância do fazer artístico (criação), da fruição (apreciação de obras) e da contextualização (estabelecer



relações), três ações, segundo Barbosa (1998), “mentalmente e sensorialmente básicas” que se interligam em favor do desenvolvimento cognitivo (BARBOSA, 1998, p.33).

No entanto, dadas as circunstâncias, a triangulação não pode ser aplicada neste caso tal qual foi pensada por Ana Mae Barbosa, pois as limitações vão se desenhando pelo caminho. Não se trata de debilidade da proposta triangular, que é comprovadamente eficiente no processo de ensino/aprendizado em artes, mas antes da dificuldade em utilizar-se dela no atual contexto da deficiência visual em que, apesar de toda tecnologia desenvolvida, ainda existe um grande apelo pela visualidade. Como trabalhar a fruição das Artes Visuais, sua leitura e apreciação quando não se tem acessibilidade na arte, arte acessível e recursos acessíveis? E se a fruição resta inacessível, não seria a experiência do fazer que estimula os sentidos, mesmo que dissociada da experiência estética, melhor do que simplesmente não fazer?

Pensando nesses questionamentos, para a prática, a triangulação foi adaptada para atender aos discentes com os recursos disponíveis contemplando assim, na perspectiva freiriana de valorizar o saber do educando, uma conversa inicial com os alunos para, a partir de seus conhecimentos sobre o tema, iniciar uma explanação sobre o assunto e técnicas correlatas. No decorrer da conversa, os alunos fariam o reconhecimento tátil de exemplares de máscaras venezianas levados para esse fim e, ao final, cada aluno criaria a sua própria máscara por meio de colagem de papel usando balão como suporte.

Na prática, para melhor aproveitamento, algumas alterações foram implementadas especialmente em se tratando de tempo. A conversa inicial rendeu uma discussão participativa em que os alunos compartilharam seus saberes e experiências e, embora tenha levado um tempo maior que o planejado, deu voz aos alunos fazendo com que eles se sentissem importantes e se identificassem com a proposta.

Como os alunos já tinham uma experiência prévia com máscaras e estavam ansiosos por fazerem as suas, os exemplares táteis, por não serem tão relevantes uma vez que não eram obras de arte propriamente ditas que levassem à fruição, foram deixados de lado e, após breve explanação sobre o tema e as orientações sobre a técnica, os alunos passaram à confecção.

A maioria dos alunos não sabia fazer tiras de papel, tampouco encher balão, portanto foi preciso ensiná-los a rasgar papéis em tiras e quando já havia tiras suficientes, foi preciso ensiná-los também a encher balões. O aprendizado desses “conteúdos” corriqueiros, naquele momento, era mais importante que a conclusão das máscaras e foi relevante para o processo de aprendizagem dos alunos representando uma ponte para o envolvimento deles nas atividades a



favorecer seu desenvolvimento cognitivo. Como as atividades levaram mais tempo que o planejado, a aula foi finalizada com a colagem dos papéis nos balões.

Fig 4 e 5. Alunos utilizando o pincel e a mão para pintar – **Foto:** Joelma Hemenegilda Sena (2018)



Como a maioria dos alunos também nunca havia trabalhado com tintas, o acabamento das máscaras foi feito em guache. Assim, na aula seguinte após proteger o mobiliário e as roupas deles, os discentes deram início à pintura das máscaras. Os alunos lidaram bem com a tinta, alguns preferiram usar o pincel para não sujar a mão (fig 4), outros preferiram usar a mão pois julgavam ser melhor para eles (fig 5). Houve aluno que disse que pintar com a mão é como passar hidratante no corpo. Houve aluno que pela textura conseguiu identificar a cor da tinta que estava utilizando e, no geral, todos gostaram da experiência de produzir sua própria máscara e de todo processo até concluí-la.

Considerações finais

Freire (2008) constatou que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2008, p.23) e a Educação Especial prova que Freire não se equivocara, muito se aprende ao lidar com a diferença. A atenção, a empatia e a escuta ativa são muito importantes no processo da educação inclusiva isso porque educar exige saber escutar e



respeitar os saberes dos educandos. Para Freire (2008), “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele.” (FREIRE, 2008, p.113).

Um fazer docente mais exitoso na educação especial requer sensibilidade e atenção por parte dos professores para que, observando as demandas dos alunos, utilize seus conhecimentos a fim de favorecer o ensino/aprendizado. Como propunha Ana Amália Barbosa nas atividades desenvolvidas com crianças com paralisia cerebral enquanto escrevia sua tese de doutoramento, deve-se “garantir o mínimo e ousar o máximo, nunca nivelar por baixo com desculpa de que eles não entendem”. (BARBOSA, 2012, p.12)

Neste tocante, planejamentos mais flexíveis e ousados são uma aposta para que não se perca as potencialidades dos alunos. Além disso, ter autonomia para lecionar é tão importante quanto transver para ir além das limitações que são impostas pelo próprio sistema educacional.

No contexto da deficiência visual, considerando que chega a quase 20% da população o número de pessoas que apresenta algum tipo de deficiência visual segundo o censo realizado em 2010, muito ainda precisa ser feito para reduzir e/ou eliminar as barreiras existentes para que este público tenha autonomia e seu direito garantido.

É preciso lembrar sempre que os não videntes não são invisíveis, assim como os demais, têm sentimentos e sentidos e respondem igualmente à arte como preconizava Kandinsky. Assim, torna-se indispensável promover a acessibilidade na arte nos espaços educacionais por meio de atividades que incentivem o protagonismo dos deficientes no fazer artístico. Isso reforça a importância de, nos cursos de formação de professores de Artes Visuais, discutirem-se práticas pedagógicas possíveis no fazer artístico de, com e para deficientes, que reflitam sobre formas de adequar o processo de ensino/aprendizagem em Artes Visuais para esse alunado e que fortaleçam os docentes enquanto provocadores de experiências para todos em suas formas e de-formas.

Igualmente importante é, nos espaços culturais, tanto quanto possível, tornar a arte acessível para que os deficientes possam fruí-la e, neste sentido, o uso de relevos para adaptar imagens para deficientes visuais é possibilitar sua participação social em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas.

Quanto à experiência é interessante pontuar que os alunos fizeram uma constatação muito pertinente: “você ensina Artes Visuais, mas nós somos cegos”. A partir desta constatação surgiram algumas inquietações: Como ensinar/aprender Artes Visuais no contexto das deficientes visuais quando a falta de acesso/acessibilidade inviabiliza a fruição? A



nomenclatura Artes Visuais corrobora para que a negligência em relação aos não videntes seja retroalimentada nos espaços de Arte? Essas são inquietações que merecem uma discussão coletiva no sentido de promover a inclusão na e pela Arte.

Referências

A HISTÓRIA da Eternidade. Direção Camilo Cavalcante. Brasil, 2014 (121min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FfjeVjmxKG8>>. Acesso em 18/08/2019.

ALVES, Rubem. Aprendiz de mim: Um bairro que virou escola. Campinas/SP: Papirus, 2014. 128p.

BARBOSA, Ana Amália. Além do Corpo: Uma experiência em Arte/Educação. São Paulo, 2012. 136p (Tese de Doutorado).

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 1998. 200p.

BAVCAR, Evgen. A luz e o cego. In: **NOVAES, Aduato (Org.). Artepensamento.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994. P.461-466.

BOURDIEU, Pierre,; NOGUEIRA, Maria Alice de Lima Gomes,; CATANI, Afranio M. Escritos de educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 251p.

BRAMBLITT, John. Disponível em <<https://bramblitt.com/pages/about-us>>. Acesso em 18/08/2019.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,** Brasília/DF, dez 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 22/11/2018.

BRASIL. Decreto n. 13.146, de 06 de jul. de 2015. **Estatuto da Pessoa com Deficiência.** Brasília/DF, jul 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em 21/11/2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2008, 37ª Edição. (Coleção Leitura).146 p.

JANELA da Alma. Direção de João Jardim e Walter Carvalho. Brasil/EUA, 2001 (73min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mLi4FTKRDkk&t=559s>>. Acesso em 18/08/2019.

KANDINSKY, Wassily. Sobre a questão da forma. In: **SCHWARTZ, Jorge (Org.). Almanaque o Cavaleiro Azul.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Museu Lasar Segall, Ibram-MinC, 2013. P.136-190.

_____ Do Espiritual na Arte e na pintura em particular. 2 Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996. 284p.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão, diferença e deficiência: sentidos, deslocamentos, proposições. In: Inc.Soc., Brasília, DF, v.10 n.2, p.37-46, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/issue/view/241>> Acesso em 18/08/2019.

PIMENTEL, Lúcia Gouveia. Arte/Educação: uma prática de vida. Belo Horizonte, Imprensa Universitária/UFMG, 1991. 46p.